

ENSAIO

# A cidade como espaço de agenciamento e educabilidade para pessoas em situação de rua

*The city as agency and educating space for homeless people*

Cleylton Rodrigues da Costa<sup>I</sup>, Lore Fortes<sup>II</sup>

## Resumo

O presente trabalho busca compreender a diversidade das vivências da população em situação de rua na cidade de Mossoró, interior do Estado do Rio Grande do Norte. A cidade estudada vem aumentando expressivamente a população em situação de rua nos últimos anos, tornando urgente estudar as suas estratégias de sobrevivência, suas leituras com o espaço urbano e, sobretudo, como esses sujeitos buscam na rua agenciamento de aprendizagens (para sobreviver) e autocuidados (para se manterem vivos) em um espaço tão negado e hostil. Por meio do trabalho de campo e do uso da etnografia como estratégia metodológica da pesquisa, foi possível encontrar diversas estratégias de sobrevivências, bem como uma cidade simbólica construída pelos sujeitos estudados. Estes resultados reforçam a hipótese da cidade como espaço de sobrevivência da população em situação de rua e a sua capacidade pedagógica de produzir uma cidade imaginária diferente da cidade vivida pelos outros sujeitos que não têm a rua como casa.

**Palavras-chave:** Situação de rua. Sobrevivência. Cidade.

## Abstract

The present work seeks to understand the diversity of the experiences of the homeless population in the city of Mossoró, in the interior of the State of Rio Grande do Norte. The city studied has significantly increased the homeless population in recent years, making urgent study their survival strategies, their readings with urban space and, above all, how these subjects seek in the street agency of learning (to survive) and self-care (to stay alive) in a space so denied and dangerous that is the street. Through the fieldwork and the use of ethnography as a methodological strategy of the research, it was possible to find several survival strategies, as well as a symbolic city built by the subjects studied. These results reinforce the hypothesis of the city as a space for survival of the homeless population and its pedagogical capacity to produce an imaginary city different from other subjects who do not have the street as their home.

**Keywords:** Street situation. Survival. City.

## Introdução

Sociólogos, antropólogos e cientistas sociais, entre outros, buscam cada vez mais na cidade respostas para suas investigações. Todos têm em comum o desejo epistemológico pela reinterpretção da cidade. A urbe como fenômeno social capaz de “as pessoas

viverem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou contato mediado com outros participantes”.<sup>1</sup> (p.13) Ou seja, a cidade como espaço de pesquisa, sociabilidade e sobrevivência.

Neste trabalho, procuramos pensar a cidade não apenas com *locus* genuíno da *atitude blasé* como vemos em Simmel<sup>2</sup> e da individualidade. Buscamos encontrar na cidade processos e situações que a tornam um fenômeno capaz de possibilitar aos sujeitos um conjunto de sobrevivência, experiência e autocuidados, sobretudo com a população em situação de rua. Para tanto, compreendemos a cidade não apenas como uma unidade geográfica, mas como um produto subjetivo e cultural da natureza humana<sup>3</sup> (p.25). Ou melhor,

<sup>I</sup> Professor de Sociologia da Educação Básica (SEEC-RN), (cleyltoon@hotmail.com). Licenciado em Ciências Sociais (UERN), mestre em Ensino (UERN), doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<sup>II</sup> Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1971), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1981), doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2000) e Pós-Doutorado no CSIC-Espanha. Professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atua como professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na linha de pesquisa Dinâmicas e Práticas Sociais.

“ela é uma área cultural caracterizada pelo seu próprio tipo cultural peculiar<sup>3</sup> (p.26).

A cidade, objeto de nossa reflexão, é aquela produzida e vivida pelas pessoas em situação de rua. Interessa-nos saber o que faz essa cidade possível por meio de suas ações e o que torna determinadas pessoas sujeitos em situação de rua. Neste trabalho, esforçamo-nos em pensar a cidade de perto e de dentro conforme apresentado por Magnani (2002).<sup>4</sup> Por isso, assumimos um olhar sobre a urbe e seus sujeitos macrossociológicos na constante busca por compreender as ações sociais de sujeitos particulares. Quando pensamos a cidade como um holograma enraizado pelos hábitos e costumes das pessoas que a habitam, nos permitimos pensá-la como um instrumento capaz, a partir das experiências heterogêneas de sociabilidades, e produzindo multiplicidade de agenciamento, autocuidados e sobrevivência.

Compreendendo a cidade como essa entidade humana, como um espaço que produz diversos agentes humanos, como espaço e tempo de produção de experiências e acontecimentos, sentimos a necessidade de fragmentá-la, provisoriamente, para depois compreendê-la como um todo organizado. Quando refletimos sobre a rua como parte do todo “cidade”, conseguimos identificar elementos que, às vezes, por uma questão de recorte urbano, acreditamos não mais encontrar a cidade como espaço de vizinhança, solidariedade e vínculos entre moradores.

Trata-se de um estudo sobre agentes sociais invisíveis. Um estudo das pessoas em situação de rua que estão em processos semelhantes de condição urbana e humana, mas que dentro desse acontecimento e semelhança é possível conhecer diversas experiências e produções de espaços e tempos diferenciados. Na Sociologia Fenomenológica de Schutz (2012)<sup>5</sup> jamais duas pessoas poderiam vivenciar a mesma situação da mesma forma. Esse pensamento faz com que por mais que as mesmas pessoas estejam na mesma condição – a situação de rua – cada uma articula um modo diferenciado de ser, viver e se agenciar na rua. Nessa experiência etnográfica, buscamos compreender o modo de vida urbano e as diversas estratégias de

pessoas em situação de rua, para o que foi necessário estabelecer duas categorias para o recorte das observações e entrevistas; as pessoas que vivem “da rua” (trata-se de trabalhadores que têm a rua como espaço de sobrevivência, mas voltam para suas casas no final do dia) e as pessoas que vivem “na e da” rua (trata-se das pessoas que têm a rua como espaço de moradia e sobrevivência). O trabalho tem como foco o último grupo de pessoas urbanas.

### **Interações, agenciamentos, experiências e educabilidades de pessoas em situação de rua**

O contato face a face seja com outros moradores em situação de rua ou com outros moradores da cidade constitui o processo de permanência e interação no contexto urbano. O sujeito em situação de rua precisa, cotidianamente, agenciar diversas práticas de sociabilidade e interação para garantir sobrevivência. Ao constatar que uma das principais estratégias de sobrevivência e agenciamento de pessoas em situação de rua na cidade de Mossoró é a mendicância, atividade agenciada por homens e mulheres de todas as faixas etárias, podemos perceber que a concepção de fachada trazida por Goffman (2011)<sup>1</sup> nos permite pensar as diversas linhas que as pessoas em situação de rua tendem a desempenhar nas interações urbanas.

Esse é o caso dos pedintes que utilizam da agência da mendicância para sobreviver, uma vez que muitos deles precisam intensificar a demonstração das doenças e desolações para obterem ajudas e contribuições dos passantes. O adulto, para sobreviver cotidianamente na rua, deve fazer prova de sua passividade e não periculosidade – caso dos mendigos que necessitam da demonstração de doença, fome, desolação e que solicitam auxílio pela impotência em assegurar sobrevivência como destaca Neves (1999)<sup>6</sup>. A fachada de passividade é fluída, ao mesmo tempo que é necessário construir uma aparência de desolado para as pessoas que passam na cidade, por outro, é necessário estabelecer uma fachada de forte e valente para os outros moradores em situação de rua, sobretudo para os que sobrevivem na mesma região



– esse elemento é fundamental para a proteção de si e do outro. Os pedintes sobrevivem em constante “manutenção da fachada”<sup>1</sup> (p.19) como se depreende no relato a seguir.

*Quando eu cheguei na rua quase ninguém queria dormir comigo ou me deixar dormir nas praças que eles já estavam, ninguém me conhecia e eu era novo aqui. Com um tempo eu fui percebendo que só é gente quem tem mais tempo de rua, é como se quanto mais tempo você vive mais forte você é e mais coisa você sabe. Quando eu vi que eu estava sozinho comecei a mostrar para os outros moradores que eu não sou fraco e que eu consigo os meus carros pra limpar e um canteiro bacana pra dormir sem ninguém mexer comigo, hoje todo mundo do centro já me respeita. Na rua tudo é tempo.* (Gonzaga).

O relato de Gonzaga, um dos sujeitos que vivem em situação de rua no centro de Mossoró, é revelador do “repertório de práticas” que Goffman (2011)<sup>1</sup> atribui como a construção e constituição da fachada social. É comum, na vivência das pessoas pesquisadas, encontrar relatos de constante busca para sobreviver. Eles estão sempre em busca de trabalho seja formal ou não. São diversas formas de se agenciarem e se projetarem para permanecerem na cidade. Essas estratégias são aprendidas e ensinadas entre os moradores, dos mais novos aos mais velhos e podemos encontrar uma rede de estratégias no centro urbano de Mossoró.

Quase nunca ou raramente, associamos a imagem de uma pessoa em situação de rua a um sujeito da experiência. Quando voltamos para a Sociologia Fenomenológica de Schutz (2012)<sup>5</sup> compreendemos que as pessoas compartilham e se comunicam entre elas. Todavia, a vivência de pontos de vista e de vida diferem entre si, carregam objetos, símbolos e situações da realidade que produzem diversas experiências, mesmo vivendo a mesma situação. Por mais que o acontecimento seja comum a todos, a experiência é

particular e incerta. Sobreviver para viver na rua é estar “aberto à sua própria transformação”<sup>7</sup> (p.26). Viver nas e das ruas é um exercício de dureza e resistência no qual se necessita de muita capacidade de gerenciamento de si. Consiste em permitir-se que as ruas os ensinem e, ao aprender, sintam-se escritores dela. São sujeitos expostos e tocados por tudo que se passa na urbe. São sujeitos da experiência, por isso, é “incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa”<sup>7</sup> (p. 24-25). A experiência pressupõe abertura.

Eles não nasceram aprendendo a limpar os carros (como os flanelinhas), a pedir (como os pedintes, mendigos), a transformar o espaço público da rua em um espaço privado de casa. Não nasceram em situação de rua, tornaram-se. Aprenderam a viver na e da rua e a permanecer em lugares de movimento. Essas aprendizagens são construídas por “experiências não-formais de educação”<sup>8</sup> (p.34). Na rua:

*(...) a sabedoria acumulada do grupo social não “dá aulas” e os alunos, que são todos os que aprendem, “não aprendem na escola”. Tudo o que sabe aos poucos se adquire por viverem muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência<sup>9</sup> (p.18).*

O morador recém-chegado nas ruas aprende com os estabelecidos as múltiplas maneiras de sobreviver para viver. São esses moradores que ensinam e apreendem com os outros as múltiplas formas de se agenciarem pelas ações conjuntas. Como podemos observar, a noção de ação que se refere às atividades de um agente no espaço urbano está interligada com as múltiplas fachadas e modos de viver e sobreviver nesse espaço, por meio dos processos de interação. Essas interações fortalecem o entendimento da existência de uma educabilidade frente às interações urbanas estabelecendo vínculos entre si, com o outro e com as ruas.

É caminhando que eles ocupam os lugares e redefinem aonde ir, por onde não ir e por onde ficar. A noção de caminhada em Certeau (2014)<sup>10</sup> é fundamental.



É na caminhada que eles constroem o que se chama de “mapas urbanos”<sup>10</sup>. Caminhando eles ensinam aos outros moradores enquanto aprendem um conjunto de possibilidades de sobreviver para viver dentro desses mapas. Caminhando eles se agenciam. É na retórica da caminhada, como escreve Certeau (2014)<sup>10</sup>, que as pessoas em situação de rua se (re)educam, se (re)observam, se (re)descrevem, se (re)conhecem. Caminhando, eles reconstróem as ruas e a si. É caminhando na construção de mapas urbanos que a educabilidade, como dimensão antropológica, cria o que Magnani (2012)<sup>4</sup> chama de pedaços e Certeau (2014)<sup>10</sup> chama de regiões. São espaços criados pela ação.

*Pessoas de “pedaços” diferentes, ou alguém em trânsito por um “pedaço” que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade está sempre latente, pois todo lugar fora do “pedaço” é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo<sup>4</sup> (p. 116- 117).*

O pedaço, como a região, é composto por moradores que compartilham praticamente os mesmos agenciamentos e as mesmas sociabilidades na e da rua. Estes moradores compactuam os mesmos acontecimentos, mas as experiências dos acontecimentos são particulares e heterogêneas entre eles.

*Por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência<sup>7</sup> (p. 27).*

Por isso, existem pedaços onde habitam os flanelinhas e pedintes (A Catedral de Santa Luzia e o Mercado Central); os pedaços que são ocupados por mulheres que se agenciam com faxinas realizadas nas casas da cidade de Mossoró e que vivem e aprendem da e na prostituição (O Auto do Louvor – lugar dos

antigos cabarés da cidade) e existem pedaços para conversar, se divertir, beber (Hotel Caraúbas e Museu Municipal). É no contexto da rua que os mendigos, em alguns momentos, “precisam teatralizar doenças”<sup>6</sup> para desenvolver suas estratégias de sobrevivência. Para tanto, faz-se necessário elaborar uma face diante do outro. Ou seja, é preciso que “as ações através das quais uma pessoa é capaz de tornar qualquer coisa que esteja fazendo consistente com a face”<sup>11</sup> (p. 82).

Na rua, é necessário elaborar diversos projetos individuais e faces para permanecer nesse contexto. Assim, é um percurso de produção de educabilidades, experiências e reelaboração de uma nova dimensão de vida.

Desde o momento em que as pessoas em situação de rua buscam transformar a rua em casa e a sua constante busca para sobreviver, começam “a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo Ser Mais”, como vemos em Freire (2005)<sup>12</sup> (p.19). Luta-se por um lugar para praticar, sobreviver, morar. Luta-se por permanecer. É na luta para sobreviver na e da rua que se constituem como sujeito em constante busca de Ser Mais. Quando pensamos em uma pessoa em situação de rua como sujeito em permanente busca de Ser Mais, estamos pensando o espaço da rua também como um espaço no qual é possível conhecer uma nova antropologia de vida, novos valores e novas aprendizagens de recomeços. Devem estar abertos ao recomeço e reinvenções de espaços nos quais se “conjugam presente, passado e futuro”<sup>13</sup> (p. 89). Todas as ruas são passíveis de aprendizagens. Afinal, a rua “é algo de dinâmico, que leva a um determinado lugar”<sup>14</sup> (p.167). A rua leva à sabedoria e à sensibilidade.

A cidade e as ruas têm uma grande flexibilidade de situações e movimentos. A cidade flutua a partir das ações desses sujeitos: “Na realidade são práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significações.”<sup>15</sup> (p.18). O Mercado Central, que é lugar de compra e venda para quem procura comprar ou vender, é também lugar de moradia e sobrevivência

para as pessoas estudadas. A Catedral de Santa Luzia, que é lugar de contemplar a fé, lugar sagrado, também é lugar de moradia e sobrevivência para outros personagens. O centro comercial, para as pessoas em situação de rua, se caracteriza como espaço e tempo de viver e sobreviver. Algumas das pessoas em situação de rua, como Fernando, Marciel e Mario, vivem no centro da cidade em busca de sobrevivência. Já Maria e Nélida vivem em um lugar chamado Alto do Louvor. Eles perpassam por diversos pontos na busca do que comer, trabalhar e dormir.

### **Pedintes, flanelinhas, cabeceios, diaristas, faxineiras e prostitutas**

Compreendendo que as práticas sociais são sempre atividades situadas, os flanelinhas, pedintes e cabeceios<sup>III</sup> em situação de rua se situam no centro da cidade e delimitam um território para se agenciarem no cotidiano. Essa delimitação de território é fundamental na dinâmica desse modo de viver. E qualquer pessoa em situação de rua, seja qual for a região que ela habite na cidade - o próprio ato de habitar já é uma delimitação de território - vai fazer isso com o lugar ocupado. As pessoas em situação de rua demarcam o lugar, defendem e ocupam. A cidade é demarcada simbolicamente por regiões de ocupação. Da mesma forma que encontramos na cidade lugares para morar e lugares para trabalhar, as pessoas em situação de rua demarcam esses lugares de acordo com o sentido que eles dão a esses locais.

As pessoas em situação de rua interpretam a cidade como se fossem suas casas, e, automaticamente, os lugares e as ruas vão ganhando sentidos de acordo com a representatividade que a cidade e as ruas permitem.

*“Eu ando no centro da cidade como se estivesse em casa, conheço tudo aqui, o Museu é como se fosse meu quarto e o*

<sup>III</sup> Pessoas em situação de rua que ajudam a descarregar as mercadorias das bancas, tanto do Mercado Central quanto da COBAL.

*mercado e a COBAL<sup>IV</sup> o meu trabalho, passo o dia todo aqui e a noite eu gosto de ir pra lá ficar no meu cantinho descansando, tem um canteiro lá que é só meu, ele já é certo, tenho algumas coisas por lá e fico de lá pra cá.”* (Mario)

*“Quando eu acordo eu dou sempre uma olhada nos pontos que eu tenho para trabalhar, fico um pouco aqui na COBAL, mas vou no Mercado e se lá estiver melhor eu fico por lá, eu fico entre um lugar e outro, mas fico mais tempo onde estiver melhor”.* (Fernando)

*“Eu não peço em lugares que não tem gente”.* (Marciel)

Os lugares com mais fluxos de carros e pessoas são propensos para a ocupação dos flanelinhas e pedintes, pois são neles onde podem obter o máximo de ajuda em troca da sua mão de obra. Por isso, sempre os encontramos nos arredores de praças, mercados, lojas e bancos. Normalmente, não encontramos pessoas em situação de rua em lugares que são cotidianamente desertos, embora possamos encontrar nos horários da noite, principalmente na hora de dormir. O Museu Municipal é um exemplo, pois no final da noite o lugar não é muito habitado, o que faz com que tenha um sentido de quarto para os moradores que ali dormem. Entretanto, no Mercado e na Catedral eles vão em busca de trabalhar e ganhar a sobrevivência. Nos lugares citados no parágrafo anterior há também pedintes, flanelinhas e cabeceios que não vivem em situação de rua, mas geralmente estão nesses mesmos lugares, “como em qualquer cidade brasileira de grande porte, cuidar de carros nos estabelecimentos públicos é uma atividade que mantém uma parcela considerável da

<sup>IV</sup> COBAL. A Companhia Brasileira de Alimentos foi um órgão do Ministério da Agricultura criado em 1965 e extinto em 1990. Tinha o objetivo de promover o abastecimento estatal nas grandes metrópoles de artigos hortifrutigranjeiros, assim abrindo postos de varejo por todo o país. Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-55898-7-abril-1965-396212-publicacaooriginal-1-pe.html>

população (de rua e mesmo estabelecida)<sup>16</sup> (p. 231). Como ainda diz “cuidar de carros é também uma das atividades que compõem a cesta de ocupações que asseguram a subsistência dos moradores de rua”<sup>16</sup> (p. 241). É perceptível que o ato de cuidar dos carros não é o único, e sim uma das diversas atividades que asseguram a subsistência, como também é a mendicância, prática desenvolvida pelos pedintes, que em alguns casos também são flanelinhas e cabeceios.

*Tem gente que passa aqui e nem olha pra gente, mas ainda tem muita gente boa, eu já ganhei boa grana pedindo, tem dia que não ganho nada, mas tem dia que parece que Deus olha pra nós e o pessoal ajuda, só não vou pedir mais... aceito o que derem, pouco ou muito já serve. Eu fico entre o Banco do Brasil e o Bradesco, a gente revesa e dá tudo certo. Quando não está bom aqui no banco eu vou para os carros, pego os baldes e ajudo os meus colegas nos carros aqui da praça. (Marciel)*

Podemos perceber que a mesma pessoa desenvolve as práticas de flanelinha e pedinte ao mesmo tempo, uma vez que a capacidade de desenvolver mais de uma prática tem um resultado positivo no que diz respeito à sobrevivência. Por mais que essas práticas possuam alguns rituais diferenciados, e que as caracterizam e distinguem das outras desenvolvidas, elas têm algo em comum: tanto uma como a outra necessitam do fluxo de pessoas nos demais estabelecimentos. Por isso, as duas atividades nos finais de semana existem em uma dinâmica de horário que depende da permanência de outras pessoas que buscam algo na cidade, como fiéis que vão para a missa na Catedral de Santa Luzia e clientes de bancos e restaurantes. Enquanto na semana os pedintes se fixam nas portas dos bancos e do Mercado, os flanelinhas ficam nas calçadas, direcionando e limpando os carros durante todo o dia; aos domingos, sábados à tarde e à noite, eles desenvolvem essa atividade de acordo com o horário das missas da Catedral de Santa Luzia e o fluxo de pessoas nas churrascarias centrais:

*Nos domingos o movimento aqui é muito pouco, a gente fica aqui no Mercado entre a Catedral e a Gauchinha, eu aproveito o horário da missa porque tem muitos carros e nesses horários eu posso servir o meu trabalho ajudando as pessoas que vem para a missa olhando os carros. Domingo é mais tranquilo, quase não tem movimento, mas quase não tem trabalho também, é bem fácil da gente morrer de fome (risos), primeiro que o mercado não abre e a gente não pode ajudar pra descarregar as mercadorias, segundo que não tem quase ninguém na rua, a sorte é que tem essa missa de manhã, de tarde e de noite, e assim nesses três horários durante a missa eu vou pra catedral e consigo ganhar uma grana, se bem que no horário que não tem missa a gente vai para a Gauchinha e dá pra conseguir também alguma coisa para sobreviver. (Mario)*

Vicente nos revela a flexibilidade temporal que ele e, sem dúvida, os outros que desenvolvem a prática de limpar e estacionar carros, descarregar as cargas do Mercado Central e mendicância passam no modo de viver na/da rua. Eles se flexionam não somente em relação aos lugares para dormir, mas também, em relação aos lugares para trabalhar e as formas de como trabalhar. Por isso, eles passam o dia esperando a missa começar e acabar, bem como as pessoas que frequentam os bancos e churrascarias nas proximidades do seu entorno. Nessa lógica de flexibilidade temporal, eles dormem durante a noite e os cabeceios acordam na madrugada para realizarem as suas atividades, como se pode perceber na fala de Valdir: “Eu limpo e pastoro os carros, se ele quiser eu limpo e pastoro ao mesmo tempo, ou só pastoro, eu não saio sem esses baldes aqui, eles é que me dão sustento” (Valdir).

Podemos chegar à conclusão de que os flanelinhas, cabeceios e pedintes direcionam o seu dia de acordo com os pontos de comércio da cidade, de



acordo com as horas que esses estabelecimentos demandam por pessoas para poder emprestar as suas práticas de trabalho livre para obterem o seu sustento. Enquanto os pedintes ficam geralmente sentados em pontos estratégicos, os flanelinhas transitam com mais intensidade. Percebemos que eles correm atrás dos carros a todo o tempo e quando solicitam que limpem e lavem os carros eles pegam os baldes que são abastecidos com a água do Mercado Central e/ou do Museu Municipal para ajudar no trabalho.

Da mesma forma que eles percebem a rua como um lugar de esperança e subsistência, essas estratégias são elementos fundamentais para a sua subsistência. Por isso, os flanelinhas andam tão rápido e estão sempre atentos, com os olhos fixados nos carros que passam e estacionam. Os pedintes, voltam-se para a pessoas que passam sempre com a mão erguida em busca de algo que os ajudem. E os cabeceios, dirigem-se à portas do Mercado Central e da COBAL para descarregarem os carros e caminhões de frutas, verduras, roupas e objetos, em troca de dinheiro e alimento. Pode-se notar que a rua não é apenas desolação, vazio e perigo.

Eles são corajosos e estão sempre dispostos a desenvolver atividades que possibilitem estabilidade e segurança. Uma das atividades que requer mais força física é a atividade dos cabeceios, que retiram caixas e caixotes cheios de mercadorias antes de o dia amanhecer e da abertura dos pontos comerciais. Os cabeceios dormem ao lado do Mercado e da COBAL. Quando as encomendas chegam, os cabeceios se levantam e já começam a realizar a descarga.

*Descarregar as mercadorias não é uma coisa muito boa, o cabra fica todo doido o dia todo e às vezes a gente está morrendo de sono da noite mal dormida, mas essa é a que pagam melhor porque é uma coisa certa, todo dia que a gente descarrega a mercadoria a gente ganha um dinheiro certo, é diferente de pedir, que vem da boa vontade das pessoas, aqui o dinheiro vem da nossa força e eles precisam da gente pra fazer isso, tem pouco homem para ajudar, a gente sempre ajuda. (Mario)*

Muitos dizem que de todos os trabalhos esse é o que precisa de mais força e que geralmente causa dores nas costas no começo do dia. Porém, em relação a todas as outras estratégias de sobrevivência, essa é uma que possibilita uma quantia mais precisa em relação ao dinheiro recebido. Enquanto os flanelinhas e os pedintes recebem trocados dos bolsos dos transeuntes, os cabeceios recebem uma quantia de dez reais e frutas pela turno da manhã. Nélida e Maria, que também são pedintes mas não costumam limpar e estacionar os carros que transitam por esses lugares, em busca de assegurar sua permanência na cidade, costumam realizar também outras práticas, como atividades de casa e sexuais, mas um pouco mais distantes do centro comercial, no centro urbano de Mossoró. É o caso das diaristas, faxineiras e prostitutas.

Por meio do trabalho de campo, pode-se dizer que foi notável a constante busca de agenciamentos e experiências realizadas por essas pessoas nas ruas de Mossoró. É possível perceber várias estratégias que, cotidianamente, surgiram e surgem a partir das circunstâncias cidadinas. Essas estratégias são normas e práticas aprendidas e adquiridas no e do espaço urbano de Mossoró. Nélida e Maria vivem em uma região mais afastada do centro comercial da cidade, no Alto do Louvor, e pelos arredores desse lugar, costumam realizar algumas atividades domésticas nas casas vizinhas, como faxina, favores e limpezas nas calçadas. Essas atividades são realizadas no período da manhã, das sete ao meio-dia. Elas saem logo cedo, em busca de duas ruas onde construíram vínculo com as moradoras estabelecidas das residências nas quais procuram comida, objetos e dinheiro. A rua Amaro Cavalcante e a rua Marechal Hermes.

*As minhas amigas são boas comigo, elas conseguem roupas, sabonete, lençol e comida, eu sempre peço para elas e elas conseguem para mim e para as minhas colegas de rua. Na rua Amaro Cavalcante tenho uma amiga que consegue muitas coisas para mim, ela consegue no Centro Espírita, por isso eu nem cobro pra varrer*

*a calçada dela e eu sempre faço o que ela me pede, ela consegue as coisas e eu consigo as coisas para ela, aqui é assim, a vida é uma troca de favor.* (Nélida)

O vínculo construído com as mulheres das ruas oferece mais possibilidades às mulheres em situação de rua do Alto do Louvor, e nesse caso, não nos limitamos apenas a Maria e a Nélida, citadas no texto, mas a outras mulheres que também habitam o Alto do Louvor. Uma das estratégias de sobrevivência são as trocas realizadas com as outras mulheres moradoras das casas das ruas próximas. Essa troca de atividades é fundamental para manter a permanência na cidade. Por isso, as mulheres em situação de rua chegam às casas perguntando se precisam de sua ajuda. Quando elas têm permissão para ajudar, fazem as atividades solicitadas pelas outras mulheres. Entre essas atividades a mais comum é a de varrer e lavar as calçadas das casas, becos e entorno das casas, além de alguns favores, como, por exemplo: comprar leite e ovos, entre outras coisas. Em troca, elas recebem café, sabonete, comida e dinheiro. Acontece que nem sempre as mulheres em situação de rua têm acesso à casa. Essa interlocução entre as mulheres das casas e das ruas ocorre pelas janelas, grades e portões das casas. Elas nunca adentram as casas, exceto quando são solicitadas a fazer algum trabalho interno, o que acontece por meio de outra rede de relações. Acontece quando algumas diaristas que moram perto do Alto do Louvor vão fazer diárias nas casas próximas e convidam as mulheres em situação de rua para ajudá-las, mas geralmente são em ruas um pouco mais afastadas do Alto do Louvor.

Essa intimidade é própria a cada casa e define se uma pessoa nas casas próximas ao Alto do Louvor tem acesso aos seus interiores, uma vez que a entrada não é sempre permitida às mulheres em situação de rua para efetuarem algumas atividades, pois “o interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra.”<sup>17</sup> (p.36). Mesmo as mulheres em situação de rua não sendo estranhas às outras mulheres das casas vizinhas ao Alto do

Louvor, ainda passam essa imagem de intimidade de suas casas e nem sempre suas portas são abertas para as mulheres que habitam as ruas. Por isso suas atividades são, quase sempre, realizadas nos lugares arruados, “assim como a rua tem espaços de moradia e/ou de ocupação, a casa também tem seus espaços "arruados”<sup>17</sup> (p.40).

*Desde que eu moro aqui que conheço todo mundo aqui por perto, até tenho umas pessoas da minha família aqui em Mossoró, mas eu prefiro pedir nas casas algumas coisas que eu estou precisando do que ir pedir ao povo da minha família, já recebi muito “não” deles e aqui por perto eu faço algum bico e vou levando. Eu tenho minhas formas de ganhar dinheiro também, tenho os meus clientes também (risos) e eles sempre vem a noite e principalmente nos sábados para o casarão, lá no casarão nós nos divertimos e eu também consigo uma prata.* (Maria)

O casarão é um lugar situado no Alto do Louvor, um antigo cabaré da cidade e funciona como um encontro de sociabilidade entre as pessoas que habitam e frequentam o Alto. O casarão antes era um lugar de luxo na cidade e hoje se tornou um motel. No turno da noite e nos finais de semana, as mulheres que vivem em situação de rua nesse lugar costumam se encontrar com homens com quem elas se prostituem para contribuir com a sua sobrevivência. Elas se utilizam desse espaço para realizarem seus encontros casuais. Nesses encontros, elas costumam receber trocados que servem, inclusive, para comprar as coisas que elas necessitam. Existem algumas que não se encontram no Casarão e sim em duas casas ao lado do Alto do Louvor que servem como casas de prostituição. Essas casas também são bares e os homens que procuram as moradoras as levam para esse lugar, e lá eles costumam beber, se divertir e praticar atividades sexuais. Um lugar de sociabilidade, sobrevivência e diversão.



*Faz muito tempo que eu frequento as casinhas do alto, desde quando eu não morava na rua, lembro de uma vez que estava atendendo um homem de Baraúna-RN que veio fazer umas compras em Mossoró, era um sábado de manhã, e ele não queria me pagar e ia me deixar sem grana, eu já estava percebendo as coisas diferente ele dizendo que ia no centro e voltava já e eu não sou nem doída não, ia acreditar no que ele estava falando? Sabe o que eu fiz? Esperei ele ir no banheiro, peguei a carteira dele e peguei o que queria, ele fez um show, eu me fiz de vítima, dei um show sem Bartô e disse que não tinha pegado nada, só sei que foi o maior movimento, Dona Ana já vinha ver o que estava acontecendo e mesmo sem ela entrar no quarto eu resolvi o problema. Nunca roubei nada de ninguém, faz muito tempo que vivo na rua e nunca tive coragem de roubar, agora estava pegando o que era meu, ele não queria me pagar, depois que eu fiz ele feliz, ele queria ir sem deixar nada pra mim, mas meu filho, ninguém me engana, eu sou velha na rua e já aprendi todos os truques.* (Nélida)

A casa de dona Ana é bastante frequentada pelas moradoras em situação de rua para essas práticas. Lá elas levam os seus companheiros para beber e praticar atividades sexuais em troca de dinheiro. Maria, Nélida e as outras mulheres em situação de rua do Alto que aderem a essas práticas como estratégias de sobrevivência realizam esses encontros no casarão, arredores do Alto do Louvor e em casas/bares do bairro. A prostituição não é umas das principais estratégias de sobrevivência, as mulheres sempre relatam que elas desenvolvem essas práticas paralelamente a outras que são desenvolvidas durante o dia, como a mendicância, as práticas domésticas e outras diversas que podem aparecer a qualquer momento.

Como vimos, não encontramos uma pessoa em situação de rua com apenas uma maneira de sobreviver,

e são várias, e essa variedade e flexibilidade dependem das suas necessidades, do lugar e do tempo. Suas vidas se conjugam, inevitavelmente, com a vida da cidade, das ruas, do mercado, e dos outros moradores. Podemos perceber que as pessoas em situação de rua vivem em busca de vínculos, seja com lugares ou com pessoas. Esses vínculos asseguram e contribuem para suavizar sentimentos de solidão e insegurança:

*Quando está todo mundo aqui no Alto até lembro quando eu tinha família, nós somos uma família e não me sinto sozinha, pelo contrário, eu me sinto protegida e feliz. Eu não vou negar que já brigamos muito, e ainda brigamos se for preciso, mas na hora certa a gente se entende. Aqui a gente é pai de um, mãe de outro, irmão também. Na rua a gente tem que aprender a ser tudo.* (Nélida)

Como vimos, a relação de vínculos é de fundamental importância nesse universo, como também na última frase de Nélida em seu relato. A capacidade de se flexionar na rua faz refletir sobre a diversidade de estratégias para viver nas e das ruas; é preciso se entregar, se permitir e se aventurar nas ruas.

### **Considerações Finais**

Concluindo, como resultado de nossa pesquisa pudemos perceber a rua como um espaço de produção de projetos individuais, de diversas formas de se agenciar, de sobreviver e aprender. Viver no e do mundo da rua pressupõe uma trama de flexibilidades de leituras de si e dos espaços praticados. A partir das observações participantes e das conversas estabelecidas com pessoas em situação de rua no centro de Mossoró, foi possível identificar, inicialmente, quatro lugares principais de ocupação pelas pessoas em situação de rua no centro urbano: Alto do Louvor, Catedral de Santa Luzia, Museu e COBAL. São nesses e desses lugares que os cinco sujeitos analisados neste trabalho vivem e sobrevivem.

Buscamos refletir aqui sobre o processo de vivência, agenciamento e sobrevivência como um

percurso socioantropológico resistente de educabilidade, fazendo com que nossa compreensão da cidade e da rua fosse voltada para uma dimensão espacial de produção de saberes, experiências e múltiplas leituras de si, dos outros e da urbe. Esse entendimento nos levou também a pensar a cidade como um campo de possibilidades de ser no e do mundo, bem como a situação de rua como uma condição de constante busca para existir e permanecer em espaços moralmente não construídos para morar, precisando, obrigatoriamente, construir uma gramática social de resistência e sobrevivência para resistir nesse espaço, quase sempre, negado.

### Referências

- Goffman E. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes; 2011.
- Simmel G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*. 2005; 11(2): 577-591.
- Park R E. A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano (1916). In: Velho O, organizador. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar; 1967.
- Magnani JGC. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2002; 17(49).
- Schutz A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Vozes; 2012.
- Neves DP. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. *Caderno CRH*. 1999; 30/31:111- 134.
- Bondia JL. Notas sobre experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. 2002; 19: 20–28.
- Arroyo M G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais? *Currículo sem Fronteiras*. 2003; 3:28-49.
- Brandão CR. O que é educação. 19. ed. São Paulo: Brasiliense; 2013.
- Certeau M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 21. ed. Petrópolis: Vozes; 2014.
- Goffman E. A elaboração da face. In: Figueira S, organizador. *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1980.p. 76-114.
- Freire P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
- Augé M. Por uma antropologia da mobilidade. Macaíó: Edufal; 2010.
- Caliman G. Pedagogia social de rua: entre acolhida e formação. In: Souza Neto JC, Nascimento MLBP, organizadores. *Infância: violência, instituições e políticas públicas*. São Paulo: Expressão e Arte; 2006. v. 1, p. 167-178.
- Magnani JGC, Torres LL. Quando o campo é a cidade. In: \_\_\_\_\_, organizadores. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp; 1996. p. 1–30.
- Bursztyn M, organizador. No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond; 2003.
- Damatta R. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.

